

RODRIGO TERRA CAMBARÁ E A MODERNIZAÇÃO DE SANTA FÉ

Carina Fior Postinger Balzan¹João Claudio Arendt²

Resumo: Desde a formação do povoado, no início do século XIX, até o ano de 1945, Santa Fé é espaço imaginário onde se desenvolve a trama de O Tempo e o Vento. Mais que um mero cenário em que as personagens transitam, Santa Fé acompanha as transformações de seus moradores e de suas práticas sociais, sofrendo a ação do tempo e das gerações que se sucedem. O artigo aborda o processo de modernização de Santa Fé encabeçado por Rodrigo Terra Cambará, procurando estabelecer uma relação entre a personagem e algumas teorias sobre a modernidade. Para Giddens (2002), o que caracteriza a modernidade e a separa de períodos precedentes é o extremo dinamismo, não apenas no ritmo da mudança social, mas na amplitude e profundidade em que ela afeta as práticas sociais e modos de comportamento. O Dr. Rodrigo incorporou novos hábitos e comportamentos à vida social de Santa Fé, foi um entusiasta da modernidade sem perceber que ele próprio sofria suas conseqüências. Suas influências não ficaram restritas aos aspectos materiais ou arquitetônicos da cidade, mas fizeram-se sentir, principalmente, no modo de vida das demais personagens, transformando sua visão do mundo.

Palavras-chave: Rodrigo Terra Cambará; modernidade; prá-

¹ Mestre Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Aluna do Programa de Doutorado em Letras (Associação ampla UCS/Uniritter). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-Campus Bento Gonçalves.

² Doutor em Letras pela PUCRS, com Estágio Pós-doutoral na Freie Universität Berlin. Coordenador do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – PPGET/UCS – e do Programa de Doutorado em Letras (Leitura e Linguagens) da Universidade de Caxias do Sul – PDLET/UCS. Diretor da revista eletrônica Antares (Letras e Humanidades).

Abstract: Since the formation of the town, in the early nineteenth century until the year of 1945, Santa Fé is a space where it develops the plot of "O Tempo e o Vento". More than just a scenario in which the characters move, Santa Fe tracks the transformation of its residents and their social practices, suffering from the action of time and the generations that follow. The study examines the process of modernization of Santa Fe led by Rodrigo Terra Cambará, seeking to establish a relationship between the character and some theories about modernity. For Giddens (2002), what characterizes modernity and separates it from previous periods is the extreme dynamism, not just the pace of social change, but the extent largeness and depth of it, which affects social practices and modes of behavior. Dr. Rodrigo incorporated new habits and behaviors to the social life of Santa Fé, was an enthusiast of modernity without realizing that he himself suffered the consequences of this. His influences were not restricted to material or architectural aspects of the city, but were felt mainly in the way of life of other characters, changing his way of seeing life. **Keywords:** Rodrigo Terra Cambará; modernity; social practices

Introdução

Santa Fé, espaço imaginário onde se desenvolve a trama de O Tempo e o Vento, não constitui um mero cenário em que as personagens habitam, guerreiam, esperam; constitui antes um elemento imprescindível da narrativa, um ponto de apoio, um espaço mutável, que sofre a ação do tempo e das gerações que se sucedem, mas que, apesar de tudo, permanece.

Novos hábitos e costumes, novos valores, condições econômicas, atividades comerciais e industriais, muitas guerras e destruições podem ser percebidos a partir do conjunto arquitetônico da cidade (SOUZA, 2000). Os espaços públicos, as ruas, as construções vão se modificando em conformidade com as personagens: novas construções são erguidas atendendo às necessidades e à moda do tempo; outras mais antigas vão

envelhecendo junto com as personagens; outras ainda, embora antigas, são ressignificadas de acordo com os novos valores de seus proprietários. Há, entretanto, um elemento desse cenário que permanece durante toda a narrativa: a figueira da praça, que testemunha todas essas transformações e cuja presença na vida das personagens ao longo das gerações torna-a uma espécie de símbolo, de essência de Santa Fé (VALANDRO, 2010).

Santa Fé origina-se do agrupamento de algumas famílias em terras do Cel. Ricardo Amaral no início do século XIX, entre as quais estava Ana Terra e seu filho Pedro, que após terem a estância saqueada e a família assassinada, partem em busca de uma nova vida. Em 1804, Chico Amaral, filho do coronel, consegue do Administrador da Redução de São João um ofício para a edificação do povoado. Faz-se a demarcação das ruas, a definição da praça com a figueira ao centro, a construção da capela, a demarcação dos lotes e a construção das casas. Em 1834, Santa Fé é elevada à condição de vila, correspondendo ao fortalecimento dos setores urbanos, quando a venda do Nicolau destaca-se como elemento urbano mais importante depois da capela e do cemitério.

A família de Ana Terra consolida-se com o nascimento de Juvenal e Bibiana, filhos de Pedro. Tempos depois, chega o Cap. Rodrigo Cambará que, ao lado de Bibiana, geraria a estirpe dos Terra Cambará, cuja saga estende-se até o final da narrativa. Em 1850, Santa Fé é elevada à cabeça de comarca. No lugar da Capela ergue-se uma Igreja Matriz. Chegam o juiz, Dr. Nepomuceno, e um médico, o Dr. Carl Winter. Aguinaldo Silva constrói um Sobrado no terreno que pertencia a Pedro Terra. O casamento de Bolívar, filho de Bibiana, com Luzia, neta de Aguinaldo, restabelece as terras à família de Bibiana. Em 1884, finalmente, Santa Fé é elevada à categoria de cidade. Licurgo Cambará, neto de Bibiana, casa-se com sua prima Alice, neta de Juvenal. Aos poucos, novos hábitos introduzem a modernidade em Santa Fé. Assim, como aponta Souza (2000), a evolução urbana de Santa Fé está sempre relacionada à formação da família protagonista da narrativa, os Terra Cambará, ou seja, o que justifica o desenvolvimento urbano é justamente o desenvolvimento dessa família.

Licurgo Terra Cambará, senhor do Sobrado e das terras do Angico, imbuído pelos ideais republicanos e libertários, dá os primeiros passos em direção à modernidade. Porém, a maior transformação rumo à urbanização e à modernização de Santa Fé inicia-se com a chegada de Rodrigo Terra Cambará, filho de

Licurgo, que, formado em medicina pela Faculdade de Porto Alegre, volta à cidade natal em 1909.

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, Rodrigo Terra Cambará protagoniza *O Retrato* e boa parte de *O Arquipélago*. Intenso, impetuoso, ambivalente, carismático, angelical e demoníaco, herói e vilão, certamente constitui o mais complexo personagem da narrativa. Com base nos estudos literários, o presente artigo analisa o processo de modernização de Santa Fé conduzido por Rodrigo Terra Cambará, procurando estabelecer uma relação entre a personagem e algumas teorias sobre a modernidade³.

Algumas considerações sobre a modernidade

Giddens (2002) refere-se à modernidade como instituições e modos de comportamento estabelecidos na Europa após o feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. A modernidade está intimamente relacionada à industrialização, às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção, e ao capitalismo, sistema de produção de mercadorias que envolve tanto mercados competitivos de produtos, quanto a mercantilização da força de trabalho.

Os modos de vida produzidos pela modernidade, segundo o autor, libertaram os indivíduos de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma forma sem precedentes. As instituições modernas apresentam certas “descontinuidades” com as culturas e modos de vida pré-modernos. Uma das características principais que separa a modernidade de períodos precedentes é o extremo dinamismo, não apenas no ritmo da mudança social, mas na amplitude e profundidade com que ela afeta as práticas sociais e modos de comportamento (GIDDENS, 2002).

Ainda conforme Giddens (2002), a modernidade é um fenômeno de dois gumes. O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão mundial criaram maiores oportunidades

³ Cabe mencionar o artigo *À sombra da figueira: Santa Fé, de pequeno povoado à cidade moderna de Letícia Valandro*, que aborda a evolução de Santa Fé, desde sua origem até o final da narrativa, em 1945. A perspectiva que apresentamos diferencia-se do artigo citado já que a ênfase recai sobre as ações da personagem Rodrigo Terra Cambará como protagonista no processo de modernização de Santa Fé, além de aprofundar o conceito de modernidade.

para as pessoas gozarem de uma vida mais segura e gratificante do que qualquer tipo de sistema pré-moderno, uma vez que o homem pôde ter um controle maior sobre a natureza. Mas, por outro lado, a modernidade também introduz novos parâmetros de risco pouco conhecidos em épocas anteriores. Uma catástrofe ambiental, um colapso dos mecanismos econômicos globais ou o surgimento de super-Estados totalitários e até uma guerra nuclear constituem riscos de alta consequência, derivados do caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade.

Berman (1986), por sua vez, designa a modernidade como um conjunto de experiências de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da existência que é compartilhado pela humanidade em todo o mundo. Essa experiência anula as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia, unindo a espécie humana. Porém, uma unidade paradoxal, já que a modernidade provoca uma permanente desintegração e mudança, luta e contradição, ambiguidade e angústia. "Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos." (BERMAN, 1986, p.15).

Assim como Giddens, Berman (1986) confirma que a modernidade tem sido caracterizada pelas grandes descobertas nas ciências, pela mudança de nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele, pela industrialização da produção, que transforma o conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes urbanos e destrói os antigos, pelo crescimento urbano, dinâmicos sistemas de comunicação de massa, que interligam os mais variados indivíduos e sociedades, Estados nacionais cada vez mais poderosos, movimentos sociais de massa, enfim, um mercado capitalista mundial em permanente expansão.

A modernidade tem início do século XVI. A Revolução Francesa gera um público que sente viver em uma era revolucionária, desencadeando transformações nos níveis pessoal, social e político. No século XIX, já podia ser observada a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica. Uma paisagem onde engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas zonas industriais e cidades que cresciam rapidamente podiam ser vislumbradas. Jornais diários, telégrafos, telefones e outros equipamentos de media faziam cada vez mais rápida a

comunicação. No século XX, os processos sociais que provocam essas transformações, mantendo-as num constante vir a ser, são chamados de modernização, e se expandem de modo a abarcar o mundo todo.

Ao analisar o Manifesto Comunista, Berman (1986) apresenta uma síntese da visão de Marx sobre o que seria moderno: um mundo em que tudo é pervertido ou passível de perversão, tudo está sujeito às transformações que desmancham tudo o que é sólido, mesmo o que parece ser mais sagrado. A burguesia, agente da modernidade, tornou tudo vendável, dessacralizou a família e desmascarou a religião, tornou profano o que era sacro, tudo se tornou mercadoria, podendo ser vendido ou comprado e gerar lucro. A burguesia não pode subsistir sem revolucionar constantemente os meios de produção. Assim, de acordo com Marx, tudo o que a sociedade burguesa constrói hoje, é feito para ser posto abaixo amanhã, a fim de que possa ser reciclado ou substituído, num permanente processo de renovação, sob formas cada vez mais lucrativas. E isso altera profundamente a visão do mundo das pessoas:

Para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos a mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca de mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. (BERMAN, 1986, p. 94).

Nesse sentido, as pessoas precisam aprender a conviver com a mobilidade, com a renovação, precisam vislumbrar as transformações nas suas condições de vida e nas suas relações interpessoais.

O processo de modernização de Santa Fé

É o trem que traz o Dr. Rodrigo Terra Cambará de volta a Santa Fé, em 1909. Esse meio de transporte simboliza a chegada da própria modernidade, da velocidade, do progresso. Ao aspirar a fumaça de carvão de pedra e ao ouvir o som cadenciado das rodas da locomotiva, Rodrigo lembra-se da infância e pensa que dentro de pouco tempo chegará à terra natal: “[...] os olhos postos nas paralelas coruscantes dos trilhos a fugirem vertiginosamente para

o horizonte, Rodrigo foi ficando tonto, de sorte que, à sensação de fome, cansaço e irritação, misturou-se a vertigem e a náusea.” (VERISSIMO, 1987, p. 46). A sensação de vertigem e náusea pode ser associada ao mal estar da modernidade, às rápidas e profundas transformações por que passava a sociedade, ao dinamismo do mundo moderno.

O menino que saíra do campo para estudar na capital do Estado agora voltava com uma nova mentalidade, construída pelos livros, principalmente, e pelo contato com a urbanidade. É com o espírito de mudança e renovação que Rodrigo volta para Santa Fé. É com um olhar direcionado ao futuro que ele antevê as coisas e as gentes de sua memória. Ainda no trem, quer ficar em silêncio para pensar nas transformações que faria, primeiramente no Sobrado: “[...] alegraria aquelas paredes austeras, pendurando nelas reproduções de quadros de pintores célebres; forraria o chão de belos tapetes fofos e espalharia pelas salas poltronas cômodas.” (VERISSIMO, 1987, p.51).

Rodrigo está entusiasmado com o progresso que pouco a pouco chegava ao Rio Grande do Sul. Tinham-se acabado as guerras contra os castelhanos, a rede ferroviária crescia, em algumas cidades já existia telégrafo, telefone e até luz elétrica. Os avanços da ciência, as máquinas e a inteligência do ser humano estavam melhorando e facilitando a vida das pessoas, e ele, com seus vinte e quatro anos e um diploma de médico na bagagem, poderia contribuir para trazer esse progresso também para sua cidade.

Quando o trem entra nos subúrbios de Santa Fé, Rodrigo, inebriado pela promessa de progresso, avista, por contraste, toda a miséria daquela gente: os casebres, as ruas de terra vermelha, crianças seminuas e sujas brincando em meio ao lixo. Ao mesmo tempo em que lhe causa repugnância, Rodrigo sente-se comovido com toda aquela pobreza. Então, enche-se do mais profundo propósito de fazer algo pela cidade. Faria visitas constantes à população do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria, levaria, além de medicamentos e dinheiro, palavras de conforto. Porém, como aponta Chiappini (2000), uma antecipação de que as intenções generosas do médico não se concretizariam é que toda a miséria vista do trem parecia-lhe um quadro, uma obra de ficção para ser apreciada e não transformada.

Ao chegar à estação, Rodrigo é recebido com banda de música e muitos abraços de boas-vindas de familiares e amigos. Uma recepção digna de seu título de doutor, de um ilustre cidadão

que retorna à terra natal. Afinal: “Era o primeiro Cambará letrado na história da família, o primeiro a vestir um smoking e a ler e falar francês.” (VERISSIMO, 1987, p. 51). Rodrigo importa-se com o julgamento que as pessoas fazem dele: “Os elogios dos outros à sua inteligência e à sua aparência física, davam-lhe um grande contentamento, eram uma espécie de tônico que lhe aumentava a vontade de viver e ao mesmo tempo o desejo de portar-se de maneira a não decepcionar seus admiradores.” (VERISSIMO, 1987, p.70). Além disso, Rodrigo gosta de manter-se informado sobre as notícias locais e mundiais. Gaba-se de ter boa memória, o que lhe permitia manter diálogos sobre qualquer assunto, com pessoas de todos os níveis de intelectualidade. Considera-se uma pessoa culta, letrada, polida e civilizada. Veste-se com fatiotas muito bem cortadas, calça sapatos de verniz de bico fino e leva à cabeça chapéus da moda. Passa muito tempo na frente do espelho admirando-se, ajeitando-se e escolhendo a gravata que melhor combinaria com a roupa. Com esmero, escolhe também o melhor perfume para a ocasião. Sua elegância cosmopolita causa má impressão nos santa-fezenses:

Pensando no conceito que em geral os gaúchos tinham de quem usava perfume, Rodrigo sorria. Para aquela gente afeita ao cheiro de suor de cavalo, couro curtido, charque, queijo e esterco, qualquer odor agradável era um sinônimo de feminilidade. Como se a masculinidade dum homem dependesse da qualidade de seu cheiro! (VERISSIMO, 1987, p.113).

De acordo com Giddens (2002, p. 62), “em todas as culturas, a roupa é muito mais que um simples meio de proteção para o corpo – é manifestadamente um meio de exibição simbólica, um meio de dar forma exterior às narrativas da autoidentidade.” Para manter seu discurso de modernidade, era necessário que as atitudes de Rodrigo fossem coerentes com seu propósito. Por isso, nada mais apropriado para criar uma imagem de modernidade que vestir-se de acordo com a última moda dos grandes centros urbanos, contrastando com a indumentária gaúcha que, nas primeiras décadas do século XX, ainda contava um grande número de adeptos entre os rio-grandenses.

Com relação às mulheres, Rodrigo mostra-se um verdadeiro cavalheiro, um galanteador, e sua visão do feminino é muito diferente da dos demais homens rio-grandenses, como seu irmão

Toríbio, que consideravam a mulher um artigo de cama e mesa: “[...] Então não achas que a mulher possa ter outra serventia? Não reconheces que ela possui uma alma, uma delicadeza maior que a nossa?” (VERISSIMO, 1987, p. 74).

Para o gosto cosmopolita de Rodrigo, a Santa Fé de 1909 não parecia ainda uma cidade. Ruas esbarrancadas e de terra batida sem calçadas, casas de madeira mal alinhadas, entremeadas de terrenos baldios. Na praça principal, cavalos e vacas pastavam num completo abandono da administração, na época sob a responsabilidade de Aristides Trindade. A água potável era distribuída de casa em casa a um tostão a lata pelo pipeiro, que fazia o transporte de carroça puxada por uma mula. A iluminação pública ainda dependia de lampiões presos aos postes. Os estabelecimentos comerciais eram instalações precárias, alguns com chão de terra batida, balcões sebosos, corredores estreitos e cheirando a mofo. O grande sonho de Rodrigo era trazer à cidade luz elétrica e todos os seus benefícios, inclusive um cinematógrafo.

Enquanto Toríbio dizia que aproveitar a vida era “camperear no lombo dum cavalo, comer bem, ter boas mulheres, bom chimarrão e, uma vez que outra um copo de caninha e um joguinho de baralho” e “de vez em quando uma briga, uma revoluçãozinha pra desenferujar as armas e as juntas” (VERISSIMO, 1987, p. 99), Rodrigo contestava:

- És um bárbaro! Representas um Rio Grande que tende a desaparecer, um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo, heróico, sim, não há dúvida, mas selvagem, retardatário. Ninguém pode deter a marcha do progresso e da ciência, e os que se atravessarem no caminho serão esmagados. Tipos como o Trindade e seus capangas, no futuro hão de ser apenas artigos de museu. (VERISSIMO, 1987, p. 99).

As diferenças entre Rodrigo e Toríbio manifestam-se nas maneiras de vestir, de comer, de se divertir, de pensar. Enquanto este é um homem do campo, uma espécie de representação do gaúcho tradicional, aquele é um homem urbano, de gosto refinado, mas que a todo momento é confrontado com a herança rural e deve provar que é macho e valente como o irmão, o pai e o avô. Não raras vezes, Rodrigo deixa cair a fina camada de verniz de civilização que o cobre, permitindo o Cambará macho tomar conta e agir impulsivamente, fazendo uso da violência para atingir seus objetivos, como no envolvimento em revoluções e aventuras amorosas.

Rodrigo quer transformar o porão do Sobrado em uma adega e, para isso, encomenda vinhos franceses, italianos e portugueses, além de champanha. Quer fazer no Sobrado tertúlias, serões, festas, convidar pessoas interessantes, conversar, ouvir música, enfim, ter uma vida social ativa. O Sobrado é a primeira residência de Santa Fé a instalar um aparelho telefônico, apesar da relutância dos demais moradores.

Quando as quatro caixas chegam de Porto Alegre contendo os seus objetos, Rodrigo pode iniciar o processo de modernização do Sobrado. A primeira continha livros, as obras completas de Balzac e Vitor Hugo, a Divina Comédia com ilustrações de Doré, três romances de D'Annunzio em italiano, Stendhal, obras de escritores portugueses, como Guerra Junqueiro e Eça de Queirós, os poetas alemães Goethe, Heine, Schopenhauer, uma tradução espanhola de Carlyle, Lamartine, volumes de Nietzsche e Taine, e romances de boulevard de Willy, Maurice Donnay e Henri Lavedan. Na caixa maior estavam o gramofone e os discos dos mais famosos cantores do mundo, como Caruso. Na terceira, estavam as latas de caviar, de salsichas de Viena, de atum, de sardinhas portuguesas, de patê de foie gras, de maquereau, de azeitonas espanholas, além de caixas de passas de uva de Málaga e de frutas cristalizadas, potes de mostarda, vidros de pickles e molho inglês. E, na última, estavam os livros de medicina e os instrumentos médicos, numa antecipação de que o exercício da medicina estaria relegado a segundo plano.

Com a chegada dessas encomendas, Rodrigo sente-se um homem do mundo. As músicas que ouve, as comidas que degusta, as obras que lê, ali em Santa Fé, provavelmente estariam sendo ouvidas, degustadas e lidas em grandes cidades da Europa ou dos Estados Unidos. A modernidade abria caminho para a globalização, destruindo as fronteiras e interligando as nações; o sistema de comunicação e o transporte em rápida expansão permitiam a circulação de bens e serviços até localidades remotas do mapa, como aponta Berman (1986).

Dessa forma, o estilo de vida de Rodrigo destoava dos demais gaúchos como seu pai e seu sogro, Aderbal Quadros. Licurgo desaprovava os hábitos de Rodrigo, como o de tomar vinho às refeições, promover festas e acordar tarde, acusando-o de perdulário. Mas assim que Licurgo deixava o Sobrado para passar longas temporadas no Angico, a fazenda da família, Rodrigo aproveitava para levar a vida a sua maneira, contando com a

complacência de Maria Valéria, que não gostava dos hábitos, mas era facilmente convencida por ele. Mandou tirar as escarradeiras que se achavam espalhadas pela casa, entrava na cozinha, espaço sagrado das mulheres, dava sugestões, pedia pratos especiais, preparava com requinte seus antepastos com caviar, ajeitava as flores nos vasos, causando admiração nas mulheres da casa, que chegavam a debochar de sua masculinidade.

Os serões realizados no Sobrado e frequentados por pessoas das mais diferentes camadas sociais, desde seus amigos mais próximos como Neco Rosa, Chiru Mena, Roque Bandeira, Liroca, até coronéis, políticos, atores, músicos, eram regados com os melhores vinhos e champanhas, caviar, patê de foie gras, salsichas de Viena, um requinte e sofisticação jamais vistos em Santa Fé.

Como aponta Giddens (2002), na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular, e torna-se cada vez mais importante na constituição da autoidentidade e da atividade diária. Assim, quanto mais a tradição perde espaço e quanto mais o cotidiano é reconstruído na dialética entre o local e o global, mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções.

A modernidade coloca o indivíduo frente a uma complexa variedade de escolhas, mas ao mesmo tempo, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser escolhidas. Adotar um estilo de vida, por exemplo, é uma exigência da modernidade. O estilo de vida pode ser definido como um conjunto de práticas rotinizadas, hábitos de vestir, comer, modos de agir, que um indivíduo adota, não porque preencham necessidades utilitárias, mas porque materializam sua narrativa de autoidentidade.

Para sustentar seu discurso de modernidade e progresso, Rodrigo precisa adotar um estilo de vida que mais se aproxime da urbanidade, dos modos da cidade grande. Como dispõe de dinheiro para tal, investe em roupas, comidas, bebidas e objetos que o tornam mais cosmopolita. No entanto, era necessário também quebrar com certas tradições, primeiramente de seus familiares, mudando determinados comportamentos que, segundo ele, emperravam a marcha do progresso.

Para dar início à sua atividade profissional, Rodrigo compra dois grandes bureaux, um para o escritório no Sobrado e outro para o consultório. Na Livraria e Papelaria do Brasil, compra os artigos de papelaria e encomenda cartões de visita e blocos de papel para receitas. Escolhe tudo do melhor e mais fino e, con-

sequeantemente, do mais caro. Para modernizar ainda mais sua Farmácia, equipa-a com uma caixa registradora: “- Nossa farmácia vai ser a primeira casa comercial da Santa Fé a ter uma caixa registradora. Estamos no século XX, Gabriel. O século do progresso!” (VERISSIMO, 1987, p. 216).

No entanto, apesar de ter um consultório e uma farmácia muito bem equipados, com o que havia de melhor em termos de mobiliário e instrumentos, Rodrigo mostra-se insatisfeito com a profissão e trabalha poucas horas por dia, deixando a farmácia sob completa responsabilidade do funcionário. O médico realiza por algum tempo o intuito de atender gratuitamente os pobres em seu consultório, porém, a teoria parece mais fácil que a prática: Rodrigo perdia a paciência com os clientes, não gostava de ser chamado à noite, principalmente para atender pessoas em locais distantes, com barro pelas canelas, em ranchos miseráveis e fétidos. Aqui também se pode identificar outra característica da modernidade: a constante insatisfação perante a vida. Em busca de algo sempre novo, a sensação de estabilidade deixa Rodrigo angustiado. De fato, a busca por constantes inovações constitui a mola propulsora do homem moderno.

Rodrigo também é inovador quanto ao namoro com Flora Quadros. Pede licença para frequentar a casa da moça antes das preliminares (o namorico de longe, a conversa ao pé da janela, etc.). Ao protesto da sogra quanto à rapidez do namoro, o sogro Aderbal defende Rodrigo: “ - Estamos em 1910 - continuou - e não no tempo de ariri. O Dr. Rodrigo não anda de carreta. Anda mas é de trem.” (VERISSIMO, 1987, p. 303).

Num de seus passeios diários, Rodrigo percebe que sua roupa está cheia de poeira: “Pusera aquela roupa de linho branco, limpíssima, havia menos de meia hora e ela já estava tomando uns tons rosados... Era preciso calçar as ruas transversais e reformar o pavimento da Rua do Comércio. Em suma: era urgente derrubar o Trindade.” (VERISSIMO, 1987, p. 193). Para protestar contra o intendente da cidade, o Coronel Trindade, Rodrigo resolve fundar um jornal atacando a corrupção instalada no governo de Santa Fé, que usava da violência para intimidar o eleitorado, fazendo frente ao jornal *A Voz da Serra*. A oficina d'A Farpa é instalada no porão do Sobrado e conta com uma caixa de tipos, uma prensa de provas e um prelo. Pepe Garcia, juntamente com um tipógrafo empregado à força, imprimia o jornal que era distribuído pela cidade e redondezas. É interessante notar que além dos artigos

que atacavam severamente os desmandos do Intendente, Rodrigo utiliza um espaço do jornal para fazer publicidade de seu consultório médico: “Dr. Rodrigo Terra Cambará. Formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Clínica Geral. Consultório: Farmácia Popular, das 3 às 6 da tarde. Grátis aos pobres.” (VERISSIMO, 1987, p. 202).

A partir de então, Rodrigo toma gosto pelo cenário político, o que mais tarde definiria sua vida. Ele atribuía ao governo a causa de muitos problemas existentes no Rio Grande do Sul, por exemplo, o descaso com as colônias dos imigrantes: eram poucos os que falavam português apesar de terem se passado cinquenta anos da sua chegada ao Brasil. Queria fazer algo para ajudar essas pessoas.

Sentir-se querido e admirado pelos outros era-lhe muito gratificante, aumentava-lhe a autoestima e era uma forma de autoindulgência para o adultério que cometia. Assim, dispendo de dinheiro, podia financiar os projetos dos amigos e comprar a própria imagem perante a sociedade. Ajuda o Irmão Jaques a fundar o Sport Club Charrua, do qual foi eleito presidente honorário. Ali seriam realizados jogos de futebol, uma nova modalidade de esporte em Santa Fé. Ajuda Marco Lunardi, filho de imigrantes italianos, a abrir uma fábrica de massas, financiando o maquinário necessário, sem querer o dinheiro de volta. Custeia os estudos de Dante Camerino, descendente de italianos que mantinha uma banca de engraxate na funilaria do pai e queria formar-se médico. Arão Stein, filho de um imigrante judeu russo proprietário de um ferro-velho, também tem seus estudos custeados por Rodrigo, mas os abandona no primeiro ano de Medicina a fim de cuidar da mãe e do negócio da família, após a morte do pai.

Assim que a onda de entusiasmo com o consultório e com o casamento passou, Rodrigo começa queixar-se do marasmo e da falta de vida social de Santa Fé. A revista *L'illustration*, da qual tinha assinatura, trazia-lhe notícias dos grandes centros urbanos, mantendo-o conectado ao mundo, principalmente à Europa e às inovações da modernidade:

L'illustration lhe havia trazido imagens de Paris, ecos da vida da Cidade de Luz. Damas em vestidos de noite, envoltas em peles, faiscantes de jóias, perfumadas e belas, dentro de automóveis à saída de teatros; homens de casaca, chapéu alto, sobretudos de astracã... Cancãs no Moulin Rouge. Museus, livrarias, cafés. A boemia intelectual da Rive Gauche. Canções alegres, ditos espirituosos, gente civilizada e inte-

ressante. Vida, enfim! Que tinha ele ali em Santa Fé? A civilização da vaca, do sebo, do charque. A boçalidade, a banalidade, a rotina, a pobreza de espírito, o atraso dum século! (VERISSIMO, 1987, p. 298).

Pela L'Illustration, Rodrigo também acompanha a propagação dos automóveis, os avanços da aviação e, inclusive, as primeiras manifestações do movimento feminista com a aviadora Madame Laroche. Era a Paris da Belle Époque que Rodrigo conhecia através da Revista.

De acordo com Follis (2004, p.15), a Belle Époque caracteriza-se pelo grande entusiasmo decorrente da consolidação da sociedade capitalista no fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, quando se destacaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e vastas áreas do globo antes isoladas foram incorporadas à dinâmica da economia mundial. A expressão Belle Époque também designa o clima intelectual e artístico do período em questão. Uma época marcada por profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano.

O marco inicial da modernização urbana foi a grande reforma implementada na cidade de Paris pelo Barão Haussmann, entre 1853 e 1869. A partir desse momento, Paris tornou-se um modelo urbano para muitas cidades do mundo. Inovações tecnológicas, como telefone, telégrafo, cinema, e meios de transporte, como o automóvel e o avião, inspiravam novas percepções da realidade. Com seus cafés, livrarias, teatros, boulevards e alta costura, Paris era considerada o centro produtor e exportador da cultura mundial. Ir a Paris ao menos uma vez por ano era quase uma obrigação entre as elites, pois garantia o vínculo com a atualidade do mundo. Por isso, o grande sonho de Rodrigo em conhecer Paris. Um sonho alimentado por décadas, mas que não chega a se concretizar.

O primeiro automóvel surge em Santa Fé em 1911, encomendado da Alemanha pelo bem sucedido teuto-brasileiro Spielvogel, fato que causa admiração e até certo pavor entre os moradores da cidade. Logo depois, Rodrigo compra um Alder, também de fabricação alemã, e manda buscar um mecânico de Porto Alegre para ensinar Bento, o peão, a dirigir o carro. Porém este “negava-se a substituir o chapéu de campeiro pelo boné de chofer: recusava obstinadamente trocar as bombachas e as botas pelo uniforme azul e pelas perneiras de couro que o patrão mandara vir da capital.” (VERISSIMO, 1987, p. 373). Flora, esposa de

Rodrigo, também não se acostuma ao automóvel, pois o balanço do carro e o cheiro de gasolina queimada provocavam-lhe tonturas e náuseas. O fato é que com os automóveis um vocabulário novo foi se difundindo entre as pessoas. Palavras como *guidom*, *pneumático* e *radiador* foram incorporadas nas falas dos *santa-fezenses*.

Empolgado com a Belle Époque, Rodrigo torna-se um grande incentivador das artes. Em 1913, traz uma companhia de opereta ao Teatro Santa Cecília. Algum tempo depois, é a vez da Família Filarmônica da Áustria realizar seus espetáculos. Como presidente do Clube Comercial, Rodrigo reforma a sala de jogos, a mobília da *toilette* das senhoras, as cortinas do salão de baile, constrói um novo coreto, tudo com dinheiro do próprio bolso, entregando o clube à nova diretoria sem contas a pagar e com saldo em caixa.

Nessa época, a farmácia também prospera, tendo Rodrigo de admitir mais dois funcionários, além de um habilidoso médico-cirurgião italiano, o Dr. Carbone. Assim, constrói no quintal da farmácia galpões de madeira com quartos para abrigar os doentes após as operações, constituindo o esboço do primeiro hospital da cidade.

O jornal *Correio do Povo* passa a chegar diariamente a Santa Fé, e, dessa forma, Rodrigo, após o almoço, sobe para o quarto com um exemplar debaixo do braço e lê até adormecer. Dona Vanja, solteirona com ares de intelectual, também não passa sem os folhetins do jornal. Pelos jornais as pessoas recebiam informações, principalmente do Estado e do país, discutiam política, acompanhavam as novelas em forma de folhetins. Assim, com o avanço dos meios de comunicação, Santa Fé não está mais isolada do resto do mundo, como há 50 anos havia percebido o Dr. Carl Winter, e começa a adotar costumes e hábitos de outras cidades brasileiras. Em 1915, por exemplo, o Carnaval é comemorado nas ruas de Santa Fé, com o *entrudo*, e no Clube Comercial, com direito a *lança-perfumes*. Ricos e pobres saem fantasiados às ruas de acordo com a classe social.

Nesse mesmo ano chega o automóvel Ford de quatro cilindros que Rodrigo encomendara há meses e, com ele, um novo chofer, Epaminondas. Nessa época, Santa Fé já conta com um cinematógrafo instalado no Teatro Santa Cecília. Assim como o automóvel, o cinematógrafo também incorpora ao vocabulário local novas palavras. Segundo Giddens (2002), toda experiência humana é mediada pela socialização e em especial pela lingua-

gem. Essa é o meio original e principal de distanciamento no tempo e no espaço, elevando a condição humana para além do imediatismo da experiência dos animais. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento da mídia.

Para as pessoas sobreviverem e se relacionarem em ambientes em constante mudança, tornaram-se necessárias novas formas de comunicação, as quais revelam a extensão e a mobilidade do ambiente urbano e industrial e a apropriação e a exploração desses meios para fins capitalistas. Os indivíduos dependem dos meios de comunicação que lhes conferem a noção de orientação e confirmação do senso social de modo que se sintam inseridos nesse sistema e menos apartados da realidade circundante. Como afirma Williams (1989, p. 397), o sistema de comunicações não é constituído apenas pela rede de informações, mas também pela rede de transportes. O tráfego é igualmente uma forma de consciência e uma forma de relações sociais. O automóvel, nesse contexto, constitui-se uma representação do privado, do fechado. O indivíduo fechado em um veículo individual, num fluxo comum que o pressiona e é apenas um aglomerado de indivíduos.

Em 1922, Rodrigo e Flora viajam ao Rio de Janeiro onde visitam a Exposição Nacional do Centenário, trazendo presentes para as crianças, com especial destaque para a boneca que falava de Alicinha. Nessa época, o Sobrado já conta com um piano, que Rodrigo comprara para as lições da filha mais velha. Nos serões, se ouvem ritmos brasileiros modernos como samba e chorinho, além de fox-trot que, segundo Rodrigo, “É a última moda em assunto de dança. Vem da América do Norte” (VERISSIMO, 1961, p. 85), alternados com os clássicos de Chopin.

Enquanto Roque Bandeira e Arão Stein debatem sobre a Semana de Arte Moderna, que ocorre em São Paulo, Rodrigo diz ser:

Uma grandessíssima bobagem! [...] Coisa de meninos irresponsáveis. - Que é que querem esses “modernistas”? - Chamar a atenção sobre si mesmos, atirando pedras nas figuras mais respeitáveis da nossa literatura. Dizem-se nacionalistas mas estão encharcados de influências estrangeiras. Nenhum desses meninos insubordinados vale o dedo minguinho de homens como Coelho Neto, que eles pretendem destruir. (VERISSIMO, 1961, p.93) - Para mim – sentenciou Rodrigo – tudo isso é brincadeira. E se fosse coisa séria, eu a classificaria de paranóia. (VERISSIMO, 1961, p. 94).

Parece paradoxal o fato de Rodrigo, que sempre se denominou “moderno”, criticar os idealizadores da Semana de Arte Moderna. Rodrigo, nesse aspecto, mostra-se conservador, acadêmico. Seu discurso ecoa as ideias de Monteiro Lobato no artigo intitulado “Paranóia ou Mistificação?”.

Embora sustentando todo um discurso sobre modernidade e progresso, Rodrigo não está preparado para as transformações que o advento da modernidade operaria também nas artes. Bradbury e McFarlane (1989) afirmam que o surgimento do modernismo na cultura a partir do século XIX constitui-se em um movimento cultural de ordem cataclísmica, cuja palavra-chave é crise. Referem-se a uma revolução em diversas áreas da cultura, como a política, a religião, os valores sociais, a arte e a literatura, porém admitem a instabilidade do termo “modernismo”, que ganha diferentes abordagens em épocas diferentes. Isso porque o termo moderno é muito empregado para referir-se à contemporaneidade, por ser esse o tempo do progresso tecnológico e das rápidas mudanças comportamentais, mas há o problema da generalização, já que as manifestações artísticas desse período são de natureza múltipla, ou seja, a arte moderna relaciona-se com vários estilos, tendências, técnicas, linguagens, etc.

O modernismo foi, em última análise, uma arte de cidades, principalmente de cidades cosmopolitas, políglotas, cidades reconhecidas pela intensa atividade como centros de intercâmbio cultural e intelectual. Nessas capitais culturais de toda a Europa, fervilharam novas artes e novas ideias. Em seus cafés e cabarés, editoras e galerias destilavam-se as novas estéticas, discutiam-se e contestavam-se movimentos (BRADBURY; MCFARLANE, 1989).

Para aliviar o marasmo que sentia em Santa Fé, Rodrigo, agora deputado estadual, passa alguns meses do ano em Porto Alegre: “Nossa Capital é ainda uma aldeia grande, mas lá já se vive. Precisavas conhecer o Clube dos Caçadores.” (VERISSIMO, 1961, p. 74). O Clube dos Caçadores era frequentado por estancieiros, políticos, estudantes universitários, empregados do comércio, caixeiros-viajantes. Havia orquestra com boa música, belas dançarinas e acompanhantes. Falava-se que, graças às cortesãs, os estancieiros gaúchos estavam aprendendo boas maneiras, estavam civilizando-se. Já bebiam champanha, já comiam caviar e patê de foie gras, já sabiam portar-se à mesa, utilizavam talheres e até já beijavam as mãos das mulheres. Ou seja, já se notava uma mudança de hábitos em parte da sociedade.

Por volta de 1926, Santa Fé inicia sua pequena indústria com os descendentes de imigrantes alemães e italianos que, à medida que prosperavam economicamente, construíam suas casas mais perto da cidade, andavam bem vestidos, adquiriam automóveis e conseguiam fazer-se sócios do Clube Comercial, vencendo resistências por parte dos santa-fezenses de famílias tradicionais. Além disso, já existiam na cidade três automóveis de aluguel, cujos choferes profissionais vestiam-se com roupas citadinas e quepes, e eram desprezados pelos boleiros de carros puxados a cavalo, que mantinham a indumentária tradicional: bombachas, botas, chapéus de abas largas, lenço ao redor do pescoço (VERISSIMO, 2001, p. 493).

Após a Primeira Guerra Mundial, revistas americanas traziam reproduções de mulheres “modernas”, cabelos curtos à moda masculina e lábios vermelhos de batom, que guiavam automóveis e fumavam cigarros. Já se ouvia falar do cinema sonoro, sobre o qual alguns aficionados manifestavam desconfiança. O cinema criava novos heróis e impunha sua moral e sua estética e tudo isso influenciava o comportamento das mulheres de Santa Fé. Assim, as práticas sociais moldavam-se às transformações que ocorriam na sociedade e os meios de comunicação eram os grandes responsáveis pela difusão das novas tendências. Todavia, as pessoas mais velhas, guardiãs da tradição, atribuíam às inovações da modernidade as más influências sobre os costumes:

Contava-se também que no Comercial os rapazes dançavam praticamente grudados aos corpos das moças, fazendo movimentos indecentes. Maria Valéria atribuíam todas essas poucas vergonhas às influências maléficas do gramofone, do rádio e do cinema, às quais Aderbal Quadros, igualmente alarmado ante a dissolução dos costumes, juntava as do automóvel, do aeroplano e do futebol. (VERISSIMO, 2001, p. 518).

Rodrigo, no entanto, é entusiasta das inovações, pois elas traziam conforto e bem-estar às pessoas. Para ele, a sensação de que no passado a vida era melhor não passava de uma ilusão romântica.

Em 1926, Rodrigo manda buscar em Porto Alegre uma radiola R. C. A. e instala-a no escritório. E ao pô-la em funcionamento, ouvem-se vozes claras e fortes, que Rodrigo confirma serem transmitidas de Buenos Aires. Os que estão por perto olham desconfiados para a máquina, intrigados com aquela “mágica”.

A partir daí, as vitrolas ortofônicas desbancam os antigos gramofones, e José Kern, entendido de eletricidade e mecânica, abre sua loja Casa Edison, inaugurando o sistema de vendas a prestação e vendendo muitos aparelhos e discos, tanto a grandes estancieiros como a simples empregados do comércio. Rodrigo compra a maior vitrola da loja, uma Credenza, em estilo renascentista, e algumas dezenas de discos. Até os empregados da cozinha já andava cantarolando óperas. A partir da comercialização a prazo, o consumo intensificou-se em todas as classes sociais e as pessoas puderam acessar bens que antes estavam restritos a uma minoria.

O consumo é um processo cultural, Segundo Slater (2002, p.17), mas a “cultura do consumo” é o modo dominante de reprodução cultural desenvolvido no ocidente durante a modernidade, crucial para a prática significativa da vida cotidiana no mundo moderno.

A cultura do consumo não é uma consequência tardia da modernização industrial e da modernidade cultural, como se poderia pensar, mas algo que faz parte da própria construção do mundo moderno. Para Slater (2002), o homem moderno é um agente social supostamente livre e racional enquanto indivíduo, dentro de um mundo governado pela abundância e não mais pela tradição, um mundo produzido pela organização racional e pelo saber científico. Como aponta o autor, a década de 1920 promoveu uma ligação fortíssima entre o consumo cotidiano e a modernização. A publicidade e o marketing florescentes incitavam seus públicos a se modernizarem, a modernizarem seus lares, seus meios de transporte. Pela primeira vez, a modernidade foi considerada uma condição já alcançada pela população, uma condição presente e não futura como apontavam as vanguardas.

Ser consumidor é fazer escolhas, decidir, é ter liberdade para comprar o que quiser. Isso talvez explique o comportamento consumista do Dr. Rodrigo e, posteriormente, dos moradores de Santa Fé: a sensação de liberdade, de poder. Outro aspecto intimamente ligado à modernização é a ideia da insaciabilidade. A irrefreável produtividade da indústria moderna pode ser considerada uma reação e um incentivo aos desejos das pessoas se tornarem cada vez mais sofisticados, refinados, imaginativos e pessoais, bem como o desejo de ascender social e economicamente.

Em fins de 1930, Santa Fé já conta com abastecimento de água. Como Intendente Municipal, Rodrigo inaugura a caixa d'água do município. A preocupação com a higiene das habita-

ções, o saneamento e abastecimento de água tratada, reflexo das ideias positivistas, começa a embasar projetos arquitetônicos dos centros urbanos, representando um grande progresso para as cidades.

Após a vitória da Revolução de 30, Rodrigo recebe um convite para ser braço direito de Getúlio Vargas e muda-se para o Rio de Janeiro. O mesmo trem que trouxe Rodrigo a Santa Fé recém-formado e cheio de projetos, agora o leva para a capital do Brasil, onde verá a desintegração de seus ideais e de sua família.

Considerações finais

Sem dúvida, Rodrigo Terra Cambará é o grande agente modernizador de Santa Fé. Durante as primeiras décadas do século XX ele, gradativamente, implanta uma série de inovações como o telefone, a luz elétrica, o automóvel, manda asfaltar as ruas e instala água encanada, certo de que a urbanização traria benefícios à população, melhorando as condições de vida. Além disso, investe na saúde, na educação, ajuda a estabelecer a indústria e o comércio, incentiva o gosto pelas artes, música, cinema, literatura, promovendo o acesso à informação a partir da circulação de jornais e revistas. Suas influências não ficaram restritas aos aspectos materiais ou arquitetônicos da cidade, mas fizeram-se sentir, principalmente, no modo de vida das demais personagens, transformando sua visão do mundo. A modernização de Santa Fé vai aos poucos implicando mudanças nas práticas sociais dos habitantes, moldando ideias e comportamentos.

É interessante observar, no entanto, que o espírito altruísta, o ímpeto de bondade que impele as ações de Rodrigo em prol da sociedade, ajudando os pobres e protegendo os injustiçados, entra em conflito com o comportamento egoísta, com os rompantes de raiva e impulsividade, de violência e irracionalidade manifestados em diversas situações, revelando uma personalidade instável e ambígua.

Pode-se dizer que o espírito de desintegração e mudança, luta e contradição, ambiguidade e angústia, de que falam Giddens (2002) e Berman (1986), próprio da modernidade, fundamenta a constituição dessa personagem singular na estrutura narrativa de *O Tempo e o Vento*. O Dr. Rodrigo incorporou novos hábitos e comportamentos à vida social de Santa Fé, foi um entusiasta da modernidade sem perceber que ele próprio sofria suas consequências. Rodrigo Terra Cambará é, em síntese, a representação do homem moderno em toda sua complexidade.

Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRADBURY, Malcoln; MCFARLANE, James. Modernismo: guia geral 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHIAPPINI, Ligia. Campo e cidade em O Retrato. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universiade/UFRGS, 2000.

FOLLIS, Fransérgio. Modernização urbana na Belle Époque paulista. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SLATER, Don. Cultura do consumo & modernidade. São Paulo: Nobel, 2002.

SOUZA, Célia Ferraz de. A representação do espaço na obra de Erico Veríssimo: O Tempo e o Vento. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). O Tempo e o Vento: 50 anos. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000.

VALANDRO, Letícia. À sombra da figueira: Santa Fé, de pequeno povoado a cidade moderna. Via Litterae, Anápolis, v. 2, n. 2, jul./dez. 2010, p. 603-624. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/vl_v2_v2/20-18-Santa_fe_de_pequeno_povoado_a_cidade_moderna-LETICIA_VALANDRO.pdf>. Acesso em: 02 set. 2015.

VERISSIMO, Erico. O Tempo e o Vento - O Retrato. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

_____. O Tempo e o Vento - O Arquipélago I. Porto Alegre: Globo, 1961.

_____. O Tempo e o Vento - O Arquipélago II. São Paulo: Globo, 2001.

_____. O Tempo e o Vento - O Arquipélago III. São Paulo: Globo, 2000.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.